



CUBISTAS E FUTURISTAS

do Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de São Paulo

CUBISTAS E FUTURISTAS

MAC

Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de São Paulo
Fundado em 8 de Abril de 1963

São Paulo
BRASIL-1965

instituto de arte contemporânea

T rês pinturas cubistas e duas esculturas fundamentais na história do futurismo abrem a visitaçãõ cronolõgica ao acervo do Museu de Arte Contemporãnea da Universidade de S. Paulo. As telas de Albert Gleizes (1881-1953), Jean Metzinger (1883-1957) e Andrẽ Lhote (1885-1962) representam bem õesses artistas do movimento revolucionãrio, que tem em Picasso, Braque e Juan Gris suas grandes fõrças imaginativas (1). As esculturas, por sua vez, pertencem a Umberto Boccioni (1882-1916), a figura mais resolutamente futurista do cõebre grupo plãstico italiano.

Embora a criaçãõ cubista dependa de estõmulos diretos da realidade exterior (e em linha estõtica esteja vinculada ao naturismo racionalista de Cõzanne), seu processo mental, fugindo dos anais da figuraçãõ onde sempre o tema usufruiu de uma presença privilegiada, encaminha-a para uma atmosfera de organizaçãõ abstrata, advinda da intensificaçãõ geomõtrica da forma. Os meios construtivos do cubismo, entretanto, diferenciam-se tambẽm das sõnteses de base matemãtica do passado, a exemplo da arte de Piero

della Francesca, que articula os planos sem os complicar. Nas três obras do MAC vemos a pesquisa de uma clareza de setores de côr, na superfície real do espaço pictórico e a recriação do objeto numa visão simultaneística de ângulos diversos. O cubismo procura por êstes meios uma vivência estética exclusivista que o aproxima da gratuidade do jôgo (a própria presença freqüente de motivos como as cartas de jogar são de uma evidência psicanalítica).

Os cubistas do Museu alcançaram um plano destacado como teóricos. Gleizes e Metzinger são autores da célebre obra conjunta intitulada "Du Cubisme" (1912), e André Lhote, a seu turno, afirmou-se em vários livros e como professor de larga audição internacional. Como pintores sua obra constitui uma contribuição significativa à arte dêste século. Dos quadros que os representam no Museu de Arte Contemporânea da USP, a "Paisagem" de Gleizes (2), pertence à época em que se dedicou aos temas militares, enquadrando-se na fase "sintética" do cubismo. Quando confrontada às demais, ela se revela a mais sensível. Na composição, em que dominam gamas verdes-cinzentas, há uma ordenação precisa das intersecções lineares. Os valôres erguem-se com discreção no espaço longamente pesquisado. Algumas notas vermelhas e amarelas sobressaem na extremidade direita afora certos tons vagos à esquerda. Mas êsses focos luminosos, não obstante estáticos e frios, contribuem para a movimentação do quadro, organizado com um rigor geométrico que não tolhe a liberdade dos detalhes. Tôda essa organização interior do mundo físico se acha em lúcida correspondência com o que os próprios Gleizes e Metzinger doutrinavam na obra supracitada: "composer, construire, dessiner se reduisent à ceci: régler sur notre propre activité le dynamisme de la forme". A "Aldeia" de Metzinger (3) possui um sentido menos



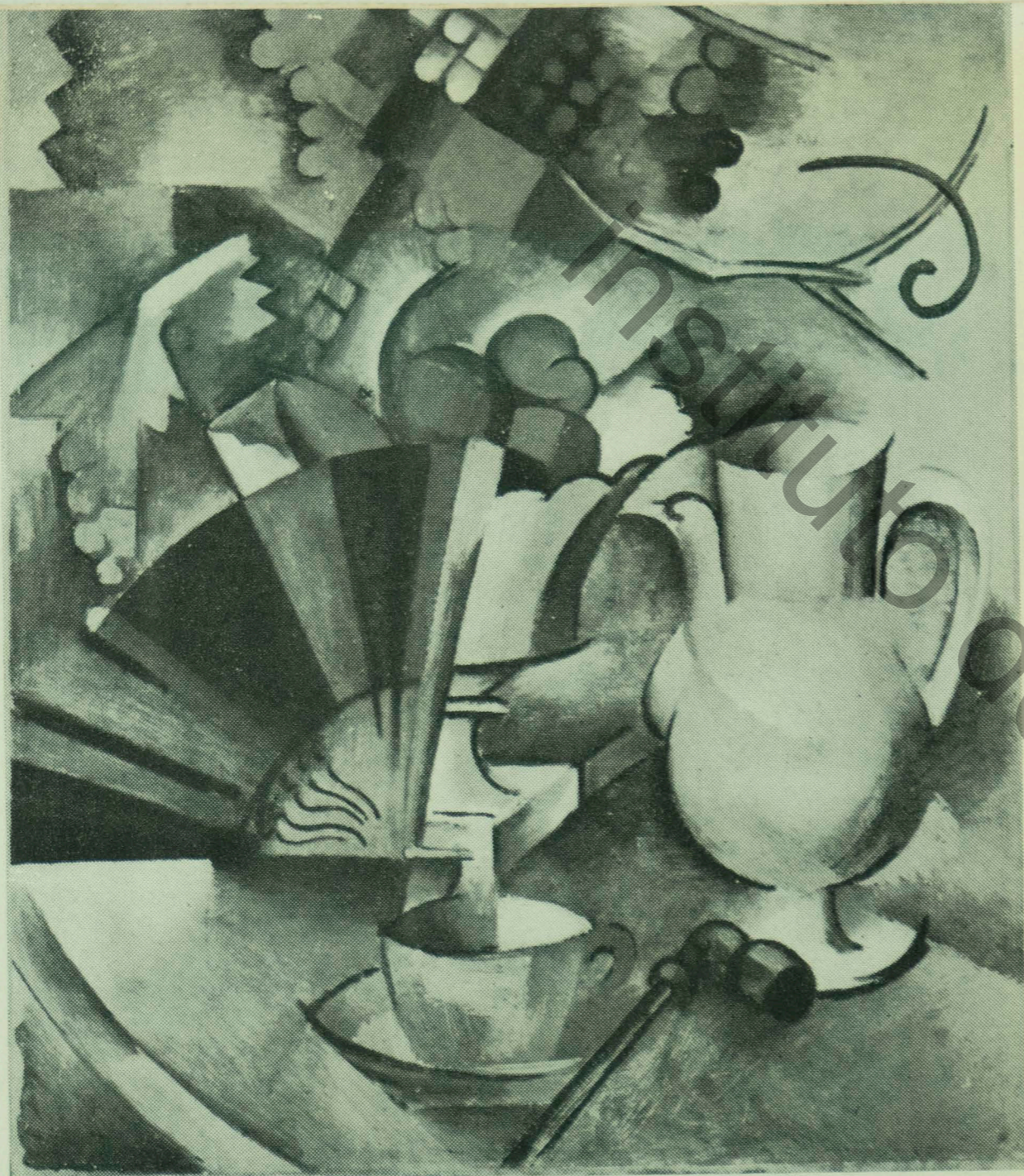
Albert Gleizes: "Paisagem"



abstrato embora os elementos da representação obedeam a um esquema geométrico mais aparente e rígido. As côres verde e castanha, de matéria dura e crispada, não tendem à fluidez como na obra de Gleizes. Compartimentadas por fortes contornos lineares elas reforçam a nitidez dos planos exprimindo a visão poética austera e nostálgica do autor. A terceira tela desta seção do Museu (4) foi pintada em 1912 por André Lhote, um dos colegas de Gleizes e Metzinger na exposição "Section d'Or", realizada nesse mesmo ano com a presença de adeptos cismáticos e fervorosos do cubismo. Lhote pertencia antes ao grupo dos que procuravam uma interpretação menos presa à visão simultaneística do novo espaço pictórico, o que não surpreende em espírito tão pouco inclinado a ajustar-se a posições ortodoxas. Sua temática foi sempre a dos motivos familiares, aqui ilustrada pela "Natureza morta", de lúcido valor decorativo e exemplificadora de sua constante necessidade de equilíbrio entre todos os componentes do quadro.

À distância de 20 anos deste grupo de obras situa-se o "Torso" de Henri Laurens, executado em 1935 (5). Não obstante a época de sua realização, a peça se coloca no plano da longevidade do cubismo ao qual Laurens se manteve fiel. A figura impõe-se pela condensação de potentes formas arredondadas que obedecem a um esquema ortogonal.

O futurismo, que encontrou em Boccioni seu melhor expoente no plano artístico e na elaboração teórico-especulativa, é um movimento que na sua busca de uma definição polivalente, de integração à vida, vai naturalmente além das ambições puramente estéticas do cubismo. A forma de verdade que interessa aos seus cultores não se apóia, porém, no realismo representativo do passado, mas sim na experiência presente e na percepção do tempo própria



André Lhote: "Natureza morta"

dê. As obras futuristas, prestigiando o valor da imagem, terão assim um caráter cinemático, reflexo de uma existência condicionada à máquina. É o que revela a figuração de Boccioni, Balla, Carrá, Russolo e Severini, que se desintegra para exprimir a velocidade.

Nas duas peças de Boccioni — "Trajeto de uma garrafa no espaço", de 1912 (6) e "Formas únicas na continuidade do espaço" de 1913 (7), — vemos a demonstração



Henri Laurens: "O torso"

clara dos princípios futuristas, opostos à "reconstrução episódica verística" do objeto, mas dêle servindo-se necessariamente para atingir os valores formais, conforme anuncia o artista-teórico no "Manifesto técnico da escultura futurista". Para Boccioni, "a escultura deve fazer viver os objetos, tornando sensível, sistemático e plástico o seu prolongamento no espaço, uma vez que ninguém mais poder duvidar de que um objeto termina onde outro começa e que não há coisa que circunde o nosso corpo (garrafa, automóvel, casa, árvore, rua) que não o talhe e não o seccione com um arabesco de curva ou reta". A menor das esculturas do Museu possui um firme sentido escultórico-arquitetônico, onde se opera perfeito equilíbrio entre a serenidade da massa e o dinamismo dos planos. A figura em movimento, por sua vez, é mais instintivamente elaborada nas suas "linhas de força" e mostra o escultor no auge de sua audaciosa e tensa visão do mundo moderno que o levara anteriormente a realizar obras como "Músculos em movimento" e "Expansões em espiral dos músculos" (destruídas).

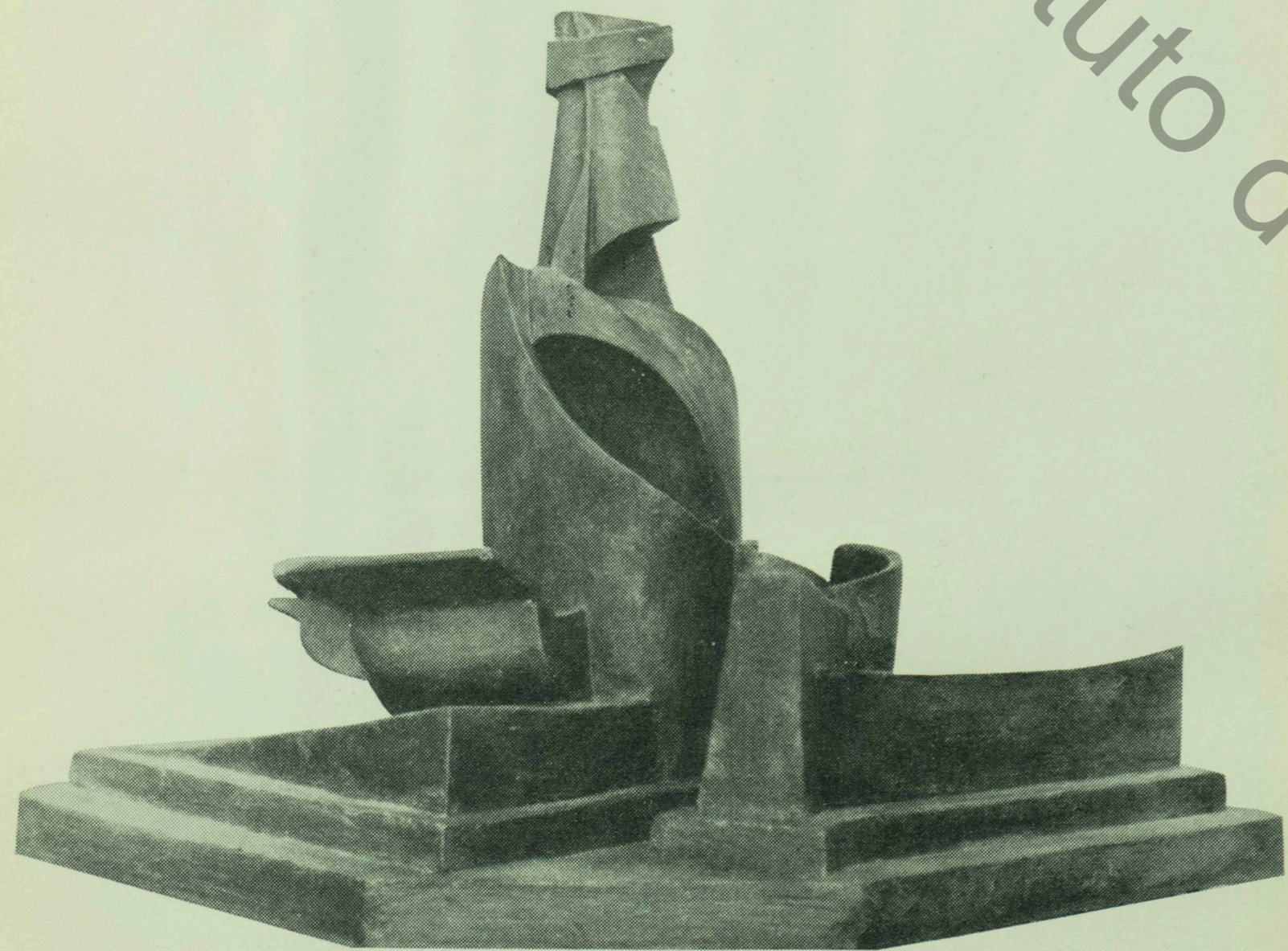
Pàlidamente futurista se apresenta uma outra obra do acervo, a "Natureza morta com leque", de Ardengo Soffici, realizada no mesmo ano em que êsse breve aderente do movimento retornava à situação naturalística (1915). O quadro, coordenando pintura e colagem, segundo os cubistas, é ótimo produto de sua maneira de então. Há interpenetração de planos na parte direita superior à esquerda e uma certa vivacidade obtida com o leque (em papel colado), onde se destacam o verde e o ocre. Mas nada nêle recorda o poder energético de Balla ou Boccioni (8).

WALTER ZANINI

Diretor do Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de São Paulo



Boccioni: "Formas únicas na continuidade do espaço" - Original em gesso



12

Boccioni: "Trajeto de uma garrafa no espaço" - Original em gesso



Ardengo Soffici: "Natureza morta"

13

NOTAS

- 1 - O Museu de Arte de S. Paulo possui a tela "O atleta" de Picasso, realizada em 1909 em Horta de Ebro e várias obras de Cézanne que devem ser conhecidas para uma articulação com a visita ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade de S. Paulo. Ver Catálogo do Museu de Arte de S. Paulo (1963), p. 162, pl. 144 e p. 102-108, pl. 85-89.
- 2 - Óleo s/ tela, medindo 50x64,5 cm, assinado na parte inferior direita e datado de 1915. Parte da coleção doada pelo sr. Francisco Matarazzo Sobrinho ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade de S. Paulo em 1963. Obra várias vezes exposta no antigo Museu de Arte Moderna de S. Paulo (1949-1960).
- 3 - Óleo s/ tela, medindo 91,5 x 64,5, assinado na parte inferior direita e datado de 1912. Reproduzido por Ch. Terrasse em "La Peinture Française au XX siècle" (pl. 47), Paris, 1939, quando pertencia à Coleção Léonce Rosenberg. A obra foi doada ao MAC em 1963 pelo sr. Francisco Matarazzo Sobrinho juntamente com sua coleção. Exposta numerosas vezes no antigo MAM de S. Paulo (1949-60) e no Teatro Nacional de Brasília (1961). Integrou o acervo organizado em 1963 pelo Museu de Arte Contemporânea da USP que percorreu as cidades de Campinas, Ribeirão Preto, Araraquara e Marília (Estado de S. Paulo) e reproduzida nos respectivos catálogos.
- 4 - Óleo s/ tela, medindo 53,6 x 45,7, assinado na parte superior direita. Respondendo a uma consulta do MAC em 1963, a sra. Simone Lhote, viúva do artista, afirmou que a obra fôra rea-

lizada em 1912. Doada ao Museu pelo sr. Francisco Matarazzo Sobrinho em 1963. Exposta várias vezes no antigo MAM (1949-61) e no Teatro Municipal de Brasília (1961).

- 5 - Escultura em chumbo, medindo 70 x 41 tendo 53 cm de fundo. Fertencia ao sr. Francisco Matarazzo Sobrinho e foi por êle doada à Universidade de S. Paulo em 1963.
- 6 - O MAC é proprietário do original em gesso do "Trajeto de uma garrafa no espaço" assim como de uma réplica em bronze, doados à USP em 1963 pelo sr. Francisco Matarazzo Sobrinho. O original pertencia à coleção da Sra. Maria Marinetti e a cópia foi realizada em S. Paulo pela Fundação "Metello Benedetto" (1960). A obra data de 1912, mede 39,1 de altura, 59,5 de comprimento e 32,7 de fundo. Exposta na Galeria "La Boétie" (Paris, 1913) e na retrospectiva consagrada ao artista (Milão, 1916). Boccioni é autor de outra peça, de estrutura mais arredondada — "Formas - força de uma garrafa" — exposta na Galeria "Sprovieri" em Roma e na Galeria "Boétie" em Paris (1913) (destruída). Tanto o "Trajeto de uma garrafa no espaço" como as "Formas únicas..." (cf. infra) são dos raros originais em gesso subsistentes da escultura de Boccioni. A maior parte perdeu-se na mostra retrospectiva do Palácio Cova, (Milão, 1916-17). O exemplar em bronze do "Trajeto de uma garrafa no espaço" participou da exposição circulante do MAC em visita a Campinas, Ribeirão Preto, Araraquara e Marília (1963) em cujos catálogos se acha ilustrada.
- 7 - A exemplo da obra anterior, o Museu possui o original em gesso de "Formas únicas na continuidade do espaço" procedente da coleção da Sra. Maria Marinetti, e uma cópia em bronze realizada na Fundação "Metello Benedetto". A peça data de 1913 medindo 116 cm de altura, 87,6 de comprimento e 39 de fundo. Exibida nesse mesmo ano na Galeria "Sprovieri" (Roma) e na Galeria "Boétie" (Paris). Doada à Universidade de S. Paulo pelo sr. Francisco Matarazzo Sobrinho em 1963.
- 8 - O quadro fazia parte da coleção do engenheiro Della Ragione (Gênova) e passou para a Galeria "Il Millione" (Milão) em 1946. Doada ao MAC pelo sr. Francisco Matarazzo Sobrinho em 1963. Têmpera s/ papelão (de superfície convexa) e colagem, medindo 39 x 35 cm, assinada na parte superior à direita "Soffici".

The Museum of Contemporary Art of the University of São Paulo possesses three cubist paintings and two sculptures which are fundamental in the history of futurism. The paintings entitled "Landscape" (1915), "Village" (1912) and "Still life" (1912) are respectively by three well known theoretical artists: Albert Gleizes, Jean Metzinger (authors of the book "Du Cubisme") and André Lhote. The Museum has also a sculpture by Henri Laurens (1935), which can be considered as a prolongation of cubism. The sculptures "The trajectory of a bottle in space" and "Unique shapes in the continuity of space" (1912-1913), by Umberto Boccioni, are original works in plaster from the collection of Maria Marinetti. Added to this group there is a tempera on carton with "collage" by Ardengo Soffici "Still life with fan" (1915).

Visits to the collection in the Museum of Contemporary Art of the University of São Paulo should begin with these works of art, donated to this institution by the well known art collector Francisco Matarazzo Sobrinho in 1963.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

da Universidade de São Paulo

Direção: Prof. Dr. Walter Zanini

Reitor da Universidade de São Paulo:
Prof. Dr. Luiz Antonio da Gama e Silva

Conselho Consultivo:

Prof. Dr. Pedro de Alcântara

Prof. Dr. Cândido Lima da Silva Dias

Prof. Dr. Sérgio Buarque de Holanda

Dr. h. c. Francisco Matarazzo Sobrinho

Layout e

produção gráfica: Odetto Guersoni

Fotos: Otto Stupakoff e German Lorca

Clichês: Ruffer

Fotolito: Repro

Impressão: Tipografia Pannon

instituto de arte contemporânea
MAC